

O DISCURSO NA MÍDIA DIGITAL: DERIVAS E FRONTEIRAS PELA BUSCA DO SIGNIFICAR

Viviane BARRIQUELLO (UFRGS)

Introdução

Na contemporaneidade digital, tanto o acesso à informação quanto a relação público/leitor tem passado por reformulações constantes. Este texto é parte de uma pesquisa que mobiliza noções da teoria de Análise do Discurso com filiação em Michel Pêcheux com a finalidade de esclarecer, ou tornar ainda mais inquietante, questões ligadas ao que diz respeito à materialidade discursiva: blog jornalístico. Considerando que o blog é constituído eminentemente pelo hipertexto evidenciamos então novas formas de ler e escrever permitindo tanto uma escrita quanto uma leitura (ou navegação) não linear, baseadas em indexações e associações de idéias, sob a forma de *links*, os quais agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações, em que o leitor move-se através do grande texto, descobrindo e seguindo pistas que são deixadas em cada nó. É por essa razão que o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas, sim, por meio de buscas, descobertas e escolhas flexíveis por caminhos múltiplos. Desta forma, destacamos que a mídia digital a partir do parâmetro de hipertextualidade atesta a falência da concepção tradicional e lógica de texto acabado e com sentido único. As infinitas possibilidades de conexões entre textos favorecem a flexibilização das fronteiras textuais. Diante de tais características procuramos entender como se dá o processo de construção de sentidos frente à mídia marcada pelo hiper.

1. Na Era da Mídia Hipertextual

O homem enquanto sujeito é um ser simbólico que se constitui na e pela linguagem. Tudo o que vê, ouve e fala deve fazer sentido. Partindo desta afirmação de Orlandi (2001) nos deparamos com um sujeito que se produz produzindo sentido. É esta “fome” pelo significar que levou a um dos mais recentes fenômenos da hipermídia: os *weblogs* juntamente com a Web 2.0.

Em abril de 2000 houve uma grande crise no mercado da Internet, com a quebra de várias empresas ocorreu o então chamado estouro da bolha¹. Apesar disso, nos anos seguintes, a Internet tornou-se cada vez mais importante do ponto de vista econômico e midiático, isso devido a criação da Web 2.0 que surgiu para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web, como *wikis*, aplicações baseadas em *folksonomia* e redes sociais. Embora o termo tenha conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores.

A comunicação dita tradicional (TV, rádio, mídia impressa) comporta a relação emissor-receptor como unilateral, ou seja, o emissor desenvolve a mensagem e a transmite através de algum meio utilizado como canal comunicativo. O receptor, por sua vez, tem uma atuação passiva e apenas consome a mensagem. Com a introdução da Web 2.0 essa relação está sendo totalmente remodelada.

Tudo começa quando o emissor deixa de ser o “dono da verdade”, pois, o receptor além de consumir interage e participa da mensagem. Acaba assim, a ditadura comunicativa.

Os Blogs são um excelente exemplo dessa nova relação. A partir de um texto publicado em um blog o receptor pode participar da comunicação questionando o emissor. Assim, a relação unilateral, antes predominante, torna-se bilateral e circular, pois, geralmente, ao questionar o emissor responde ao receptor e a mensagem nunca termina, está sempre sendo discutida. Assim funciona a Web 2.0 com o foco voltado a democratização da comunicação.

O conteúdo dos websites também sofreu um enorme impacto com a Web 2.0, proporcionando ao usuário a possibilidade de participar gerando e organizando as informações. Mesmo quando o conteúdo não é gerado pelos usuários, este pode ser enriquecido através de comentários, avaliação, ou personalização. Além do conteúdo editorial e noticioso, na web 2.0 o conteúdo de alguns sites visa gerar comunidades, seja através de sites de relacionamento, seja através de comentários em notícias e blogues.

Com relação ao conteúdo jornalístico, os impactos da Internet nas empresas e práticas jornalísticas foram potencializados com a popularização da Web 2.0. O envolvimento de cidadãos comuns, antes considerados meros leitores, na publicação e edição de conteúdos jornalísticos tem se tornado uma prática cada vez mais comum. A esta tendência atribui-se o conceito de Jornalismo Participativo, Jornalismo Cidadão ou mesmo Jornalismo Open-Source que revoluciona o Webjornalismo. Dentro do Jornalismo Participativo destacamos os blogs jornalísticos.

Passando a classificar-se como diários virtuais, os blogs têm recebido as mais variadas atenções. Eles se caracterizam, principalmente, pela forma de micro conteúdo, se organizam cronologicamente e passam por atualizações frequentes. Os blogs são herdeiros das páginas pessoais, com mais dinamismo e mutabilidade. Os blogueiros escrevem sobre os assuntos que mais lhes agradam, podendo um blog versar sobre, praticamente, qualquer coisa. Além disso, muitos blogs contam com uma ferramenta que permite aos leitores manifestarem-se através de comentários. Enquanto no blog apenas o blogueiro pode manifestar-se, na ferramenta de comentários qualquer leitor pode discutir ou argumentar sobre o texto.

Em cada blog é comum encontrarmos uma lista de outros blogs que o blogueiro lê e recomenda a leitura. Quase como uma “vizinhança” no ciberespaço, conforme afirma Recuero (2003). Além disso, a ferramenta de comentários permite que o weblog seja um espaço de discussão, de interação mútua, capaz de gerar laços sociais e, também comunidades, são os denominados *webrings*: “utilizamos o termo *webring* para definir círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente e interagem nesses blogs através de ferramentas de comentários” (RECUERO, 2003, online). Os blogs são linkados uns aos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos posts que os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos blogs. Os comentários tornam aquilo que seria um bloco de texto estático em um conjunto dinâmico de interação. A realidade é que a ferramenta proporciona um fórum um espaço de manifestação democrática. Muitas dessas ferramentas de comentários proporcionam também que os comentaristas acrescentem *links* aos seus comentários, configurando assim, uma grande rede de hipertexto. É o conjunto dessas características e ferramentas que faz dos blogs um objeto de pesquisa rico para a Análise do Discurso, e em especial às noções de sentido, pois pensar a hipertextualidade é repensar os possíveis efeitos de sentido.

Para mencionar noções a respeito da hipertextualidade, ou seja, o componente fundamental dos blogs, não podemos deixar de citar Ted Nelson, pois é a ele que

atribuímos o crédito da criação do termo hipertexto. Filósofo e sociólogo envolvido com pesquisas na área de programação de computadores, Nelson diz ter criado o termo hipertexto (*hypertext*) em 1962 a partir do vocabulário matemático, em que o prefixo “hiper” significa estendido e generalizado, e que foi influenciado pela noção de hiperespaço (o espaço com quatro ou mais dimensões) (Bardini, 1997).

No princípio, o hipertexto de Nelson designava uma ferramenta que permitia ao autor revisar, comparar, alterar ou desfazer seu texto facilmente. Neste sentido seu trabalho parece estar mais relacionado com o desenvolvimento de um processador de texto, como o *Word* que conhecemos hoje. Contudo suas idéias são mais abrangentes que isso.

Ted Nelson via o hipertexto como alternativa para a linearidade imposta às idéias pelos meios tradicionais, como os livros e os sistemas de catalogação e indexação. Com o Xanadu², seu grande projeto, aspirava criar uma rede de edição hipertextual instantânea e universal ligadas por trilhas associativas. Assim, para Nelson o termo hipertexto exprime na sua essência o sonho de manter os pensamentos em sua estrutura multidimensional e não seqüencial, desta forma define:

As idéias não precisam ser separadas nunca mais (...) Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente como escritas associadas não-sequenciais conexões possíveis de se seguir oportunidades de leitura em diferentes direções (Nelson, 1992, p.161)

Para Ted Nelson, o hipertexto possibilita novas formas de ler e escrever, um estilo não linear e associativo, em que a noção de texto primeiro, original cai por terra. Para o autor, hipertexto é o conjunto de informações textuais, podendo estar combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a permitir uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de *links*, os quais agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. Na essência de um sistema hipertextual nos deparamos com processos que extrapolam a linearidade e acionam redes de significados.

É por extrapolar a linearidade e se caracterizar pelo pluri aparentando ter entre as redes de significações a existência de um sujeito livre que tem vontades e escolhas é que sentimos a necessidade da aproximação da Análise do Discurso ao hipertexto. Quando nos colocamos diante de uma palavra uma rede de associações se forma em nossa mente configurando um mapa abrangente de idéias conceitos e impressões. Porém, de acordo com os parâmetros da AD, é a posição-sujeito diante de uma formação discursiva dada que restringe a amplidão dos sentidos possíveis selecionando e indicando o caminho a seguir, antes que nos deixemos perder no emaranhado de possibilidades disponíveis dispostas a partir de inúmeros *links*. Ou seja, conforme Pêcheux (1975, p.160) “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.” Portanto, por maior que sejam as “teias” de possibilidades de acesso no hipertexto, a navegação não é aleatória e muito menos se trata de escolhas livres, pelo contrário, cada clique é determinado de acordo com a FD em que o sujeito leitor se posiciona para construir um nó próprio de sentidos.

O sentido, para a AD, se constitui e não apenas é determinado pelas condições sócio-históricas, entre as quais está a dominação do interdiscurso sobre uma FD dominante. Por isso, o sentido é múltiplo. Não há um sentido fixo e suas nuances ou conotações diferentes. Como bem resume Orlandi (1987, p.144): “Não há um centro,

que é o sentido literal, e suas margens, que são os efeitos de sentido. Só há margens. Por definição, todos os sentidos são possíveis e, em certas condições de produção, há a dominância de um deles”.

O sentido, assim como o sujeito, constitui-se pela interpelação ideológica. Como a interpelação se dá através da FD, o sentido só se constitui dentro de uma FD. O que resulta dizer que, as palavras mudam de sentido ao serem produzidas em diferentes FDs, assim como palavras diferentes podem adquirir o mesmo sentido quando pronunciadas em uma mesma FD. Para AD este processo é entendido como polissemia e paráfrase.

A paráfrase e a polissemia, observa Orlandi (1987, p.116), são os dois grandes processos da linguagem: a *matriz* e a *fonte do sentido*, respectivamente. Processos esses que aparecem domesticados nos modelos lingüísticos, enquanto sinonímia (paráfrase) e ambigüidade (polissemia). Conforme a mesma autora, se o sentido não fosse múltiplo não haveria a necessidade do dizer. *Matriz* ou *fonte* do sentido, o importante é que esses dois processos são igualmente atuantes, são igualmente determinantes para o funcionamento da linguagem.

A paráfrase se dá dentro de uma mesma FD, ou seja, diferentes palavras ou expressões podem ser produzidas, ou lidas ali dentro, sendo possível a substituição de umas pelas outras, sem que por isso o sentido venha a ser outro. A paráfrase convive em tensão constante com outro processo, a polissemia, esta desloca o “mesmo” e aponta para a ruptura, para a criatividade marcando a presença da relação homem-mundo, intromissão da prática na/da linguagem, conflito entre o produto, o institucionalizado, e o que tem que se instituir. É o que pode ser visto por um estudo da linguagem que se volte para o uso, para o processo, para a interação. A tensão constante com o que poderia ser.

Como o sentido muda de uma FD para outra e como uma FD não é isolada, ela está em relação com outras FDs que formam o interdiscurso, é que se pode dizer que é no interdiscurso que se encontram os outros sentidos. Em outras palavras: é no interdiscurso que está a fonte do sentido, pois é lá o lugar da polissemia, o lugar de todos os sentidos possíveis. Desta forma se dá um entrecruzamento entre interdiscurso e FD, onde temos juntas a possibilidade de uma pluralidade de sentidos (polissemia), que se caracteriza como o sentido lá na fonte e a limitação que determina a aceitação de só alguns sentidos (paráfrase). É a partir desta relação entre o que “poderia ser” (interdiscurso) e o que “pode e deve” ser dito (FD), é que temos o funcionamento simultâneo da polissemia e paráfrase influenciando-se, limitando-se e determinando-se mutuamente.

Como não existe uma injunção que fixe apenas um sentido literal às palavras, passíveis a uma única interpretação, se os sentidos podem sempre ser vários e podem ser outros, Rodriguez (1998) afirma que isso não significa que o sentido possa ser qualquer um e que todas as interpretações sejam equivalentes. Existem sentidos que se apresentam como sentidos verdadeiros, literais das palavras e interpretações que se apresentam como objetivas, mas é fundamental reconhecer que essa literariedade e essa objetividade são produtos da história e não resultado de uma relação natural entre as palavras e as coisas nomeadas. É pela inscrição nessa história de formulações, de interpretações que o sujeito pode significar, já que o homem na sua relação com a realidade natural e social não pode não significar; condenado a significar, essa interpretação não é qualquer uma, pois é sempre regida por condições de produção com sentidos determinados na história da sociedade. O processo ideológico, no discursivo,

está justamente nessa injunção a uma interpretação. Este é um dos princípios básicos do funcionamento da ideologia, apreendido pelo discurso.

Ainda tratando da questão de significação lembramos de Lévy (1993, p. 23) ao utilizar a metáfora do hipertexto para caracterizar o fecundo momento da comunicação, em que os agentes remodelam constantemente os universos de sentidos. Para ele a função da comunicação não se restringe apenas a transmissão de informação. Esta configuração esquemática e simplificadora só serve para fins de modelização em estudos científicos. Comunicação é também sinônimo de ação e neste sentido pode ser entendida como um jogo, em que o contexto compartilhado entre os parceiros é, a todo momento, redefinido, recomposto, rearticulado e transformado. O hipertexto segundo Lévy (1993, 25) se aplica a todos os processos socio-técnicos e a todas as esferas da realidade intermediadas pelo jogo de significações. É a partir desta constatação que o autor propõe seis princípios para caracterizar uma rede hipertextual: *princípio de metarmofose, heterogeneidade, multiplicidade e de encaixe das escalas, exterioridade, topologia e princípio de mobilidade dos centros*. Em resumo, estes seis conceitos expressam as características da rede hipertextual alinhavadas por Lévy, sejam elas a permanente metarmofose, a heterogeneidade das conexões, a fractalidade, o intrincamento interior/exterior, a proximidade topológica e o acentrismo, todos constituem a teia básica a partir da qual a idéia de rede deva ser tecida. Estes seis princípios também lhe permitem afirmar que o hipertexto pode ser definido como

Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Lévy (1993, p.33)

Ainda, para Lévy (1996), o hipertexto, configurado em redes digitais, desterritorializa o texto, deixando-o sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Esse texto assim constituído é dinâmico, está sempre por ser feito, o que implica, da parte do leitor, um trabalho infinito de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão textual uma vez que os textos constitutivos dessa grande rede estão contidos em outros e também os contêm.

No contexto tecnológico atual, muitas vezes o hipertexto se confunde com hipermídia. Para Landow (1992) hipermídia estende a noção de hipertexto para além do “simplesmente” verbal, porque as conexões não acontecem somente entre textos ou trechos de textos, mas também entre informação visual, som, animação e outras formas de apresentação de dados. Landow (1992) define o que pode ser chamado de hipertexto computacional como o “*texto composto de blocos de palavras (ou imagens) ligadas eletronicamente por múltiplos caminhos, correntes ou trilhas, numa ilimitada e inacabada textualidade, descrita em termos de links, nódulos, rede, teia e trilhas*.” (tradução da autora) Conforme Landow (1992) o hipertexto põe em cheque: seqüências fixadas com começo e fim definidos, uma estória de certa magnitude definida e a concepção de unidade associada a esses conceitos. Na narrativa hipertextual, o autor oferece múltiplas possibilidades através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais e escolhem a trajetória de leitura realizando saltos com base em informações referenciais.

Esta definição, lembra Landow, vai ao encontro do que Roland Barthes imaginou como sendo o texto ideal,

(...) as redes são muitas e interagem, sem que nenhuma delas seja capaz de suplantar o resto; este texto é uma galáxia de significados, não uma estrutura de significados; ele não tem começo; ele é reversível; nós ganhamos acesso a ele por diversas entradas, nenhuma delas pode ser, autoritariamente, declarada a principal; os códigos que mobiliza se estendem tão longe quanto os olhos podem alcançar, eles são indeterminados...; os sistemas de significações podem controlar este texto absolutamente plural, mas suas possibilidades não são nunca fechadas, pois são baseadas na infinidade da linguagem. (Barthes *apud* Landow, 1992) (tradução da autora)

Além do trabalho de Barthes, Landow resgata o conceito foucaultiano de texto, em que os termos “redes” e “links” se fazem presentes, aproximando-se da essência do hipertexto eletrônico. Em *Arqueologia do Saber*, Foucault denuncia que as

(..) as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede.(...)Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos. (Foucault, 2005, p. 26)

Tanto Barthes quanto Foucault exploram a noção de rede e de teia, para falar da textualidade, ou melhor da intertextualidade, que cerca o discurso, a linguagem e o pensamento humano. Essas imagens (teia, rede, nós interligados, trilhas etc.) refletem a representação geométrica da constituição do sistema hipertexto.

Para a AD, os conceitos de hipertexto apresentados são coerentes ao que a teoria postula a partir do entendimento de texto. Este, enquanto objeto lingüístico histórico, é unidade de análise do discurso, o qual se configura como objeto teórico; para tanto, faz-se necessário explicitar que, de acordo com Orlandi (1996, p. 54),

o texto não é uma unidade fechada - embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira - pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), como o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).

De acordo com a autora, um texto apresenta-se como uma unidade complexa de significação, em que não se pode julgar que as palavras significam por si. É o texto que significa, isso quando possui um discurso que lhe dá sustentação. Para a Análise do Discurso, um texto é um objeto com começo meio e fim, mas se tomado como discurso, não se tem a finitude e muito menos sua origem. Se considerarmos o hipertexto esta fronteira que delimita o início, meio e fim é ainda mais instável, pois com o fator “link” que cria uma rede de sucessões e entrecruzamentos textuais não há precisão do início e muito menos do fim “só há margens”. Assim o sentido passa a se configurar como intervalar, ou em outras palavras, efeito de sentido entre sujeito-autor e sujeito-leitor mediado pelo hipertexto.

O texto eletrônico sempre é variável, nenhuma versão, nenhum estado é definitivo. Efetivamente dinâmico, o texto digital é atualizável, reconfigurável, disperso. E é nessa característica da dispersão que encontramos o cerne da transição do texto

impresso para a digitalização: abandonada a inalterabilidade, perde-se a noção de texto unitário e autônomo. Há, no hipertexto, uma variação, uma dispersão fundamental que fazem com que toda a herança de atomização dos sentidos, passe a ser vista em sua ineficácia, em virtude das conexões possíveis de serem linkadas.

Essas conexões, ativadas por meio de um clique do *mouse*, permitem ao leitor mover-se através do grande texto, descobrindo e seguindo pistas que são deixadas em cada nó. É por essa razão que o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas, sim, por meio de buscas, descobertas e “escolhas”, destacando que a sua estrutura flexível e o acesso não linear permitem buscas divergentes e caminhos múltiplos no interior do hipertexto.

Cada nó corresponde a uma ou mais exibições de tela. Os nós são denominados de maneira diferentes conforme o sistema :

- molduras (KML)
- roteiros (AUGMENT)
- artigos (HyperTIES)
- documentos ou objetos (GUIDE)
- cartões (NOTECARD e HyperCARD)

Portanto pode-se dizer que embora não exista um modelo padrão de nó, ele descreve geralmente um único conceito ou tópico de modo a ser autocontido, não dependendo da leitura prévia de outros nós. Daí, poder afirmar que a continuidade entre os nós é fornecida pelas ligações. Alguns sistemas permitem nós de diferentes tipos, como referências, anotações e ilustrações. São geralmente indicados por diferentes cores, tipos de caracteres (fontes) ou ícones. As ligações podem produzir diferentes resultados:

- transferir para um novo tópico;
- mostrar uma referência;
- fornecer informações adicionais: como nota de rodapé, definição ou anotação;
- exibir uma ilustração, esquema, foto, definição ou sequência de vídeo;
- exibir um índice;
- executar outro programa de computador, como, por exemplo, programa de entrada de dados ou rotinas de animação.
- a estrutura de um hipertexto determina e descreve o sistema de ligações ou relacionamentos entre os nós ou unidades de informação. Ela deve refletir a estrutura organizacional do assunto relacionado a uma rede semântica.

A não linearidade do hipertexto é apontada como a vantagem desse sistema sobre os documentos impressos. O hipertexto é um paradigma unificador para a diversidade atual, em que cada tarefa ou material requer uma ferramenta independente. O modelo hipertexto oferece capacidade para aumentar a qualidade da informação tornando-a heterogênea e pluri significativa.

2. Um Possível Efeto de Conclusão

A partir da concepção de hipertextualidade descrita ao longo deste trajeto, constatamos que ela revela o heterogêneo e por isso mesmo, a falência do discurso tradicionalmente lógico, acabado, fechado em si. As infinitas possibilidades de conexões entre trechos de textos e textos inteiros favorecem a flexibilização das fronteiras textuais. Por esta razão os *links* podem ser considerados a base da

hipertextualidade por adotarem como função o papel de vínculos eletrônicos que permitem a amarração entre vários textos, possibilitando uma rede de sentidos contínuos, sendo a materialidade hipertextual uma deriva constante, em que os sentidos estão sempre em curso. Este é o ponto fundamental de sustentação desse ideal de textualidade. Por isso, a ausência de centro, o efeito de incompletude e o não fechamento são inerentes ao hipertexto, tendo em vista seu caráter multidimensional, multidirecional e eminentemente interpretativo enquanto espaço simbólico.

A AD ocupa assim esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido. Ela se apresenta como uma *teoria da interpretação*, em que o trabalho do analista é em grande parte o de situar (compreender) - e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido. Entendendo para isso que, os sentidos são uma questão aberta ao qual não temos acesso ao sentido enquanto tal, e, além disso, ele não se fecha, pois de acordo com esta filiação teórica não consideramos o único e literal. O que temos é a ilusão de seu fechamento quando na realidade estamos no efeito dessa ilusão. Deste modo,

a análise de discurso não pretende instituir-se especialista na interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor em níveis opacos na ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, como o efeito interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que daí emerge, como discurso-outro, discurso de um outro, ou discurso do Outro). ‘Não se trata de uma leitura plural na qual um sujeito joga multiplicando os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura na qual o sujeito é, ao mesmo tempo, despojado e responsável pelo sentido que lê’. (Pêcheux 1983/1998, p. 58)
O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, nem no ‘qualquer coisa’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal. Pêcheux (1983/1998, p. 60)

Para o analista de discurso a definição de sentido está presente na própria definição de hipertexto que tentamos apresentar, ou seja, não é simplesmente transmissão de informação, em que o sentido seria produzido por aquele que escreve cabendo ao interlocutor decodificar, mas um efeito de sentidos entre os interlocutores, os quais representam posições-sujeito, e essas posições-sujeito é que determinam a produção do sentido, ou melhor, se constituem junto com ele na interpretação, sob a interpelação pela FD.

Referências

- BARDINI, T. **Bridging the gulfs:** from hypertext to cyberspace. *Journal of Computer Mediated-Communication* [online]. 1997 [arquivo capturado em 14/11/07] Disponível na Internet via <URL: <http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue2/bardini.html> >
- FOUCAULT, M. (1969) **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- LANDOW, G. P. **Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**. The John Hopkins University Press, Baltimore and London, 1992.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo : Editora 34, 1993.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso.** 2. ed. Ver e aum. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996

_____. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos.** Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do discurso: atualização e perspectivas.** Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Unicamp, 1997. p.163-252. Tradução de: Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours, 1975.

_____. **Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso.** Tradução de Ana M. D. Marshall e Heloisa Monteiro Rosário In: MATTE, Neusa (org.) **Cadernos de Tradução do Instituto de Letras.** Porto Alegre, n 1, jan, 1998. Tradução de: sur les contextes épistémologiques de l'analyse du discours, 1983.

RECUERO, R. C. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais.** Revista 404notfound - Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa. Edição 31, agosto de 2003. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notfound/404_31.htm>

RODRIGUEZ, C. **“Sentido, interpretação e história”.** In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores.** Campinas: Pontes, 1998.

Wikipedia, 2007. [arquivo capturado em 14/11/07] Disponível na Internet <URL: <http://pt.wikipedia.org>>

NOTAS

¹ De acordo com o disposto na wikipédia (2007) o termo, originalmente aplicado a empresas exclusivamente virtuais, a exemplo da Submarino ponto com, passou a ser usado para se referir não só às companhias que iniciaram a comercialização de produtos e serviços na web, mas também para mencionar as empresas que são hoje referência neste canal de vendas, ainda que não sejam exclusivamente virtuais, como por exemplo, as Lojas Americanas, tradicional varejista no Brasil. As empresa ponto com foram uma coleção de companhias recém-criadas no auge da exploração comercial da Internet, que comercializavam, em sua maioria, produtos ou serviços relacionados de alguma maneira com a Internet. Elas proliferaram na explosão dot-com (*dot-com boom*) do final da década de 1990, um frenesim de investimentos especulativos na Internet e em tecnologias, empresas e ações com ela relacionadas. O nome deriva do fato que várias dessas empresas tenham o sufixo TLD “.com” em seus nomes. Tudo isso veio a consolidar no dito “estouro da bolha” em abril de 2000, com bastante impacto na Bolsa de Valores (NASDAQ).

² “Milhões de pessoas poderiam utilizar Xanadu, para escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis na rede, anotar os comentários, etc... Xanadu, enquanto horizonte ideal e absoluto do hipertexto, seria uma espécie de materialização do diálogo incessante e múltiplo que a humanidade mantém consigo mesma e com seu passado.” (Lévy, 1993, p.29)